

146. 2. 47



Comprido, Redondo e Penetrante
CONTO PHANTASTICO

Era uma vez um rei muito velho, que tinha um filho. Chamou-o, e disse-lhe :

— Meu filho, tu vês que já não posso viver muito; poucas vezes o sol brilhará ainda sobre a minha cabeça. Antes de morrer, quero conhecer a mulher que escolherás para companheira. Vê si te casas.

O principe respondeu :

— Eu faria a vossa vontade, meu pae, si já tivesse feito a minha escolha.

O rei tirou da algibeira uma chave de ouro, e deu-lh'a dizendo :

— Vae lá em cima, bem lá em cima ; ha uma sala, entra, olha em redor e escolhe.

O filho do rei subio em tres pernadas. Nunca estivera na tal sala, e não sabia o que encerrava.

Quando entrou vio no forro uma porta de ferro em fôrma de alçapão ; abriu-a com a chave de ouro, levantou-a e penetrou em um salão redondo, cujo tecto era azul como o céu, e coberto de estrelas doiradas.

O alçapão ficava disfarçado por um tapete verde. Em torno das paredes havia dôze janellas altas, com caixilhos de ouro.

Sobre o chrystal de cada uma dessas vidraças estava pintada uma moça, cada qual a mais bonita. Enquanto o principe as contemplava, não sabendo qual escolher, as pinturas pozeram-se a mexer, como si fossem animadas ; olhavam para elle, sorriam-lhe, e pareciam querer fallar-lhe.

De repente o principe notou que uma das janellas estava occulta por uma cortina. Afastou-a, e vio outra moça, vestida de branco, com um cinto de prata, e uma corôa de perolas na cabeça.

Era a mais bella de todas, mas estava pallida e triste como si tivesse sahido de um tumulo.

O filho do rei esteve muito tempo parado diante dessa imagem, e no fim, derretendo-se em sentimento.

— E' esta a que eu quero ! disse.

A moça baixou a cabeça, corou como uma rosa, e logo todas as outras imagens desapareceram.

Quando desceu, o principe disse ao pae o que vira, e que noiva escolhera.

O velho rei ficou triste, e assim fallou :

— Fizeste mal, meu filho, em descobrir o que eu occultava : envolveste-te n'um grande perigo. Aquella moça está em poder de um feiticeiro, n'um castello de ferro. Todos quantos tentaram livral-a, lá ficaram. Mas o que está feito está feito. Palavra

dada é lei. Vae tentar a tua fortuna, e volta são e salvo.

O principe separou-se do pae, montou a cavallo, e partio em procura da noiva.

Metteu-se n'um grande bosque, e perdeu-se.

Emquanto buscava sahida pelo meio dos espinhos e das moitas, ouviu de repente uma voz que gritava :

— Olá ! Olá !...

Olhou, e vio um homem muito alto que corria para elle.

— Tomae-me á vosso serviço, e não vos arrependereis, dizia o homem.

— Quem é você ? que sabe fazer ?...

— Eu chamo-me Comprido, e sei crescer á vontade. Vêdes aquelle ninho lá em cima, lá, muito alto ? Vou tiral-o sem subir á arvore

E Comprido poz-se a esticar a esticar, a esticar... Logo que ficou tão alto como a arvore, tomou o ninho, encolheu-se de novo, e deu-o ao principe.

— Está muito bem ; mas para que me servem ninhos ? O que eu procuro é sahir do bosque !

— E' facil, disse Comprido.

E poz-se de novo a esticar, a esticar, até que ficou tres vezes mais alto que o pau mais alto da floresta. Olhou em volta de si, e disse :

— E' por alli que devemos sahir.

Encolheu-se, tomou o cavallo do principe pela rédea, e começou a andar. Logo depois estavam na estrada.

Em frente delles estendia-se uma grande planicie, terminada por altos rochedos, cinzentos como os muros de uma cidade.

Comprido disse :

— Lá vem o meu camarada... lá... muito ao longe. Tomae-o igualmente ao vosso serviço, e não vos arrependereis.

— Pois chama-o ; quero vel-o.

— Está ainda longe, não me ouvirá, e quando ouvisse levaria muito tempo a chegar. Esperae : Eu vou buscal-o.

E esticou-se de tal modo que a sua cabeça se perdeu nas nuvens ; deu dous ou tres passos, tomou o camarada nos hombros, e levou ao principe.

O novo personagem era disforme ; tinha o ventre redondo como uma bola.

— Quem é você ? Que sabe fazer ?

— Senhor, eu chamo-me Redondo e posso encher-me a vontade. Quereis ver ?

E começou a encher.

— Fugi depressa ! gritou Comprido ao principe. E dispararam ambos para o bosque.

Era tempo : Redondo tel-os-ia derribado, tanto e tão desmedidamente lhe crescera o ventre de todos os lados, enchendo grande espaço em redor. Dir-se-ia uma montanha.

Redondo deixou de encher-se, respirou com um estrepito que fez estremecer o bosque, e tornou ao seu natural.

— Venham ambos commigo ! disse o principe. E continuaram a jornada.

Ao chegar perto dos rochedos, viram um homem que trazia os olhos vendados.

— Eis alli outro camarada, disse Redondo ; to-mae-o tambem ao vosso serviço, e não vos arrependereis.

(Continúa)

T.

RECEITA GRATUITA

Para se fazer uma peça de artilheria :

Pega-se n'um buraco, põe-se-lhe ferro em volta e... Apontar ! Fogo !

CONSELHOS DE GRAÇA



Eu cá, como o outro que diz, não faço outra cousa no mundo senão trabalhar para o bem estar do genero humano.

Tenho feito maravilhas !

Já curei um cego que não enxergava um palmo adiante do nariz, que afinal veio a morrer do que morre muita gente, isto é, por excesso de falta de saúde.

Já livre das garras da morte um muribundo que foi tão ingrato que falleceu oito dias depois de tão milagrosa cura.

Já curei...

Já curei muitos infelizes, emfim, que morreram depois, é certo, mas não foi por minha culpa.

Inda ha pouco mesmo, em quanto os outros andavam a comprar bilhetes da grande, eu andava todo atrapalhado a descobrir um remedio eficaz contra o cholera morbus, esse mal terrivel, que inda o é mais do que a politica ou a guarda urbana.

Tão terrivel que eu mesmo já me admiro de o não terem feito commendador ou, pelo menos, tenente coronel da...

Mas, emfim, descobri já o remedio que me apresso a pôr á disposição dos meus graciosos freguezes.

Supponhamos todos que você foi abocanhado pelo cholera, que já não o deixa fazer um unico movimento.

A familia toda está em prantos, á espera da hora fatal em que você ha de esticar as canellas com a graça de Deus, deixando a imprensa toda a publicar a sua biographia (o que já é um castigo do céu.

O que fazer ?

Como salvar a tua vida tão cara (desculpe a franqueza) ?

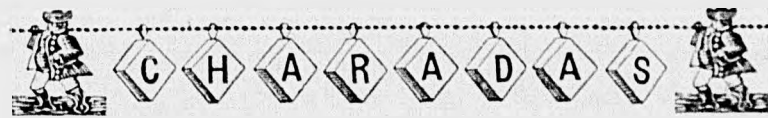
Nada mais simples :

Tome banhos de mar.

Tome banhos de mar e depois, póde vir-me trazer noticias da sua saúde.

Experimente e verá que não mente o

DR. VENTOSA.



A' perspicacia dos amadores desta secção submettemos as seguintes charadas :

2— 2— Não é já que o italico se decifra.

2 — 2—No fundo do mar não se afoga porque é fresco.

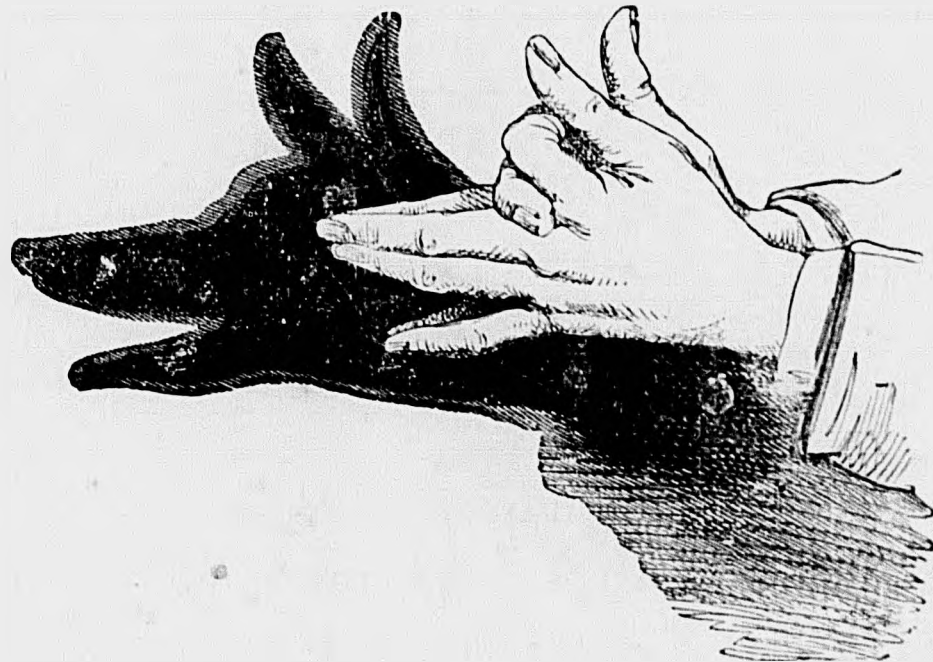
3 — Este mal é peccado.

1 — 1 — Quem me dá aqulele rio que corre tanto?

2 — 1 — O meirinho da penhora é instrumento.

1 — 1 — Quem tem mulher tyranna não usa calças.

Sombrinhas



Offerecemos á leitora um agradável entretenimento. A gravura acima ensina-lhe a collocar as mãos de tal modo que a sua sombra reflectida na parede, tenha a fôrma de uma raposa.

Como este divertimento só póde ter lugar á noite, não tomará tempo a ninguem.

Nos proximos numeros daremos outras sombrinhas.

Comprido, Redondo e Penetrante
CONTO PHANTASTICO

(Continuação do n. 1 da *Distracção*)

— Quem és ? perguntou o principe. Para que traes os olhos vendados ? Não queres ver o caminho ?

— Enganae-vos Sr. : é justamente porque vejo de mais, que sou obrigado a cobril-os. Vejo tão bem como si coisa alguma tivesse nos olhos. Quando tiro a venda, o meu olhar penetra atravez de todas as coisas ; com elle tudo encendeio, e o que por ventura não pega fogo, estala ! Eu chamo-me Penetrante.

— Voltando-se para o rochedo, arrancou a venda e fôu sobre a pedra os seus olhos ardentes. O rochedo começou a rachar, como o Pedregulho ; depois estalou, como uma pedreira a que lançassim dynamite ; por fim pulverisou-se !

— O rochedo só restava um montão de areia. Nessa areia alguma coisa havia, que brilhava muito. Era um pedaço de ouro puro. Penetrante apanhou-o e entregou-o ao principe.

— És um rapaz impagavel, agradeceu este. Já que tens tão bons olhos, vê si ainda estou longe do castello de ferro, e o que lá se passa neste momento.

— Si fôrdes só, fallou Penetrante, não chegareis sinão d'aqui a um anno ; indo connosco, d'aqui a pouco estaremos lá. Estão agora preparando a ceia.

— Vês a princeza que habita o castello ?

— Sim ! um feiticeiro guarda-a n'uma torre trancada por portas de ferro.

— Precisamos salvá-la ! Bradou o principe.

— Pometteram fazel-o.

— Conduziram-o pelo meio desses rochedos cinzentos, servindo-se da brecha que haviam feito os olhos de Penetrante, e depois pelos vales, pelas montanhas e pelos bosques profundos.

— Todas as vezes que algum obstaculo se apresentava, tres camaradas venciam-o.

— Não tardou que apparecesse ao longe o castello de ferro.

— Chegaram.

— Atravessaram uma ponte levadiça, que se ergueu depois que elles passaram ; e assim que entraram no castello, as portas fecharam-se por si.

— Foram presos.

— O principe deixára o seu cavallo na estrebaria, onde encontrára já preparada a respectiva ração.

— Na cavallariça, no pateo, nos corredores, nas salas, por toda a parte, foram encontrando individuos ricamente vestidos, senhores e criados ; mas nenhum que desse signal de vida. Estavam todos petrificados.

— Atravessaram algumas salas, e chegaram á de jantar, que estava brilhantemente illuminada. No centro achava-se uma mesa sumptuosamente servida de vinhos e de iguarias ; estavam quatro talheres.

— Esperavam que viesse alguém. Ninguém veio. Desilludidos, porfim, sentaram-se, comeram e beberam.

— Era a vez do descanso.

— Pretendiam procurar o lugar mais conveniente para dormir, quando de repente abriu-se uma porta e o feiticeiro entrou.

— Era velho, corcunda, e muito feio. Vestia um grande roupão negro. Não tinha cabellos na cabeça, mas a barba cahia-lhe densa até os joelhos, e ruça, muito ruça. Trazia em torno do corpo, em fôrma de cintos, tres circulos de ferro, grossos e negros.

— Acompanhava-o pela mão uma dama admiravelmente bella, e vestida de branco. Cingia-a um cinto de prata, e uma corôa de perolas adornava-lhe a cabeça. Mas estava pallida e triste, como si houvesse sahido do tumulo.

— O principe reconheceu-a e foi ao seu encontro.

— O feiticeiro, porém, embargalhou-lhe os passos, e não lhe deixou tempo de fallar :

— Sei bem a que vieste. Ahi tens a princeza, guarda-a durante tres noites ; si o poderes fazer, pertence-te. Si, porém, a deixares escapar, serás petrificado, e os que te seguem, assim como o foram já quantos te têm antecedido.

— Dizendo isto, mostrou um assento á princeza, convidou-a a sentar-se, e sahio.

— O principe não tirava os olhos da moça, tanto era bonita.

— Fallou-lhe ; perguntou-lhe um milhão de coisas ; mas não teve resposta ; ella não fallava, não sorria, não olhava para ninguem ; dir-se-ia que era de marmore.

— O principe sentou-se ao lado della, e resolveu não dormir para que lhe não escapasse.

— Por mais segurança, Comprido esticou-se e estendeu-se por toda a parede, em volta da sala. Redondo pôz-se á porta, encheu-se e encheu-a de tal sorte, que nem uma formiga seria capaz de passar. Penetrante encostou-se a uma columna e arregalou os olhos.

— Mas d'ahi a pouco estavam dormindo.

— Dormiram toda a noite !

— De manhan, muito cedo, o principe foi o primeiro a acordar.

— A princeza tinha desaparecido.

(Continua.)

T.



(Continuação do n. 2 da *Distracção*)

Despertaram os companheiros. Que iriam fazer ?

— Não vos inquieteis, disse Penetrante; eu estou vendo a princeza. A cem leguas daqui ha um bosque, nesse bosque um carvalho, nesse carvalho uma castanha: essa castanha é ella. Que Comprido me tome nos seus hombros; n'um abrir e fechar de olhos estamos de volta.

Comprido levantou-o pela barriga, pol-o ao hombro, esticou-se e sahio; de cada passo fazia dez leguas. Penetrante ensinava-lhe o caminho.

Em menos tempo do que é preciso para lêr a *Distracção* estavam de volta.

Comprido entregou a castanha ao principe:

Atirae-a ao chão! disse.

O principe obedeceu, e no mesmo instante a princeza surgiu a seu lado.

O sol começava a assomar por cima das montanhas, quando se escancarou a porta, para dar passagem ao feiticeiro, que ria sinistramente.

Mas ao vêr a princeza estremeceu e rosnou. E um dos seus anneis de ferro — crac! — estalou e cahio.

O feiticeiro tomou a princeza pela mão, e foi-se.

Durante o dia occupou-se o principe em percorrer o castello e admirar as maravilhas que este continha.

Por toda a parte a vida parecia ter sido brusca-mente suspensa.

N'uma das salas vio um cavalleiro, que erguia nas mãos ambas uma pesada massa de armas e brandia-a com ar ameaçador; mas o golpe parára no caminho!

N'uma outra sala, outro cavalleiro, petrificado tambem, se achava na attitude de quem foge; o pé erguêra-se-lhe sobre a soleira da porta, mas não a tocára.

Junto ao fogão, um criado de pé, o braço estendido, segurava um pedaço de assado que ia levar á bocca, que ficára aberta.

Vio muitos outros na posição em que se achavam quando o feiticeiro lhes dissera: — Petrifica-vos!

No castello, em torno d'elle, tudo era contristador e sombrio: havia arvores, mas sem folhas, planicies, mas sem herva. O rio não deslisava: as aguas estavam quietas, como si fossem de vidro. Nem um passaro cantava! Nem uma flor abria! Nem um peixe nadava!

De manhan, ao meio dia e á noite o principe e os seus companheiros acharam no castello uma boa refeição; os pratos vinham por si mesmos; as igua-

rias passavam-se para os pratos; as garrafas serviam os copos.

Depois da ceia as portas abriram-se e o feiticeiro trouxe de novo a princeza, para que de novo a guardassem.

Os quatro juraram empregar todos os esforços para não adormecer; mas foi debalde: dormiam profundamente.

Quando o principe acordou pela manhan, vio que a princeza desaparecêra ainda, acordou Penetrante:

— Levanta-te! Vê onde está a princeza!

Penetrante ergueu-se, esfregou os olhos, olhou e disse:

— A duzentas leguas d'aqui ha uma montanha, nessa montanha um rochedo, nesse rochedo uma pedra preciosa: essa pedra preciosa é ella! Carrega-me, Comprido! vamos busca-la!...

— Comprido tomou-o aos hombros, esticou-se e partio. De cada passo fazia vinte leguas. Penetrante fixou sobre a montanha os seus olhos ardentes. A montanha rebentou e saltou em mil pedaços; entre estes brilhava a pedra preciosa. Tomaram-a e levaram-a ao principe. Este deixou-a cahir, e no mesmo instante a princeza levantou-se na presença d'elle.

Quando o feiticeiro voltou, e a vio, os seus olhos relampejaram de raiva. E ainda um dos seus anneis de ferro — crac! — estalou e cahio.

Nesse dia tudo se passou como na vespera.

Depois da ceia o feiticeiro trouxe a moça, e, voltando para o principe uns olhos dos quaes só se via o branco, disse-lhe:

— Veremos quem vence!

Os quatro companheiros fizeram, pois, inauditos esforços para afugentar o somno; não quizeram sentar-se; resolveram passar a noite a passear pela sala. Debalde! Dormiram como na vespera.

O principe, como das outras vezes, foi o primeiro a despertar, e a não ver a princeza, e a sacudir Penetrante:

— Oh! acorda! Que é da princeza?

Penetrante chegou á janella, e olhou durante muito tempo.

— Hum! hum! desta vez ella está longe, muito longe. A trezentas leguas d'aqui ha um mar negro, no fundo desse mar ha uma concha, nessa concha ha um annel de ouro: esse annel é ella. Mas não vos inquieteis; nós iremos busca-la. E' preciso que Redondo vá hoje connosco. Comprido o carregará tambem.

Comprido tomou-os ambos aos hombros como dous alforges, esticou-se, e sahio. De cada passo vencía trinta leguas.

Quando chegaram junto ao mar negro, Penetrante mostrou-lhes em que logar deviam procurar a concha.

Comprido estendeu a mão tanto quanto lhe foi possível: não alcançou o desejado objecto.

— Esperem! bradou Redondo. Agora eu!

E poz-se a encher, a encher, a encher incommensuravelmente. Deitou-se depois sobre a praia, e... bebeu.

Ao cabo de um instante as aguas desciam a tal ponto, que Comprido, estendendo de novo o braço, conseguiu apanhar o anel.

O feiticeiro rugio de modo que todas as paredes do castello estremeceram, e — crac! — o terceiro circulo de ferro despedaçou-se e cahio. E o magico transformou-se n'um corvo, e desapareceu, voando, pela vidraça quebrada.

Foi então que a princeza começou a fallar, e agradeceu ao principe havel-a salvado.

No castello tudo voltou á vida: o cavalheiro, que brandia a massa de armas, descarregou-a finalmente; o que ficára com o pé suspenso na soleira da porta, pousou-o no chão; o lacaio levou o pedaço á bocca, e continuou a comer; cada um concluiu o que havia começado.

Muitos dos cavalheiros entraram na sala em que estava o principe, e agradeceram-lhe a libertação.

— Não tendes que me agradecer. Si não fossem os meus fieis companheiros — Comprido, Redondo e Penetrante — eu seria petrificado como vós o fostes!

Lego depois fez-se a caminho para o reino de seu pae, onde chegou com a sua noiva e os seus tres preciosos companheiros.

O rei chorou de alegria ao vêr voltar aos seus braços um filho com quem já não contava.

Dias depois celebrara-se os esponsaes com grande pompa; a festa durou tres semanas. Todos os cavalheiros, que haviam sido desencantados, compareceram a convite do noivo.

Depois das nupcias, Comprido, Redondo e Penetrante annunciaram ao principe a sua partida. O principe, porém, supplicou-lhes que ficassem no reino de seu pae.

— Dar-vos-hei tudo quanto desejardes em quanto viverdes: não precisaes trabalhar.

Mas essa existencia ociosa não lhes agradou: agradeceram, despediram-se e desde esse dia correm fados por esse mundo.

T.

Uma vocação torcida

A apostar em como os senhores não conhecem o Antenor.

Dirão então os senhores:

— Quem é que não o conhece; é aquelle que não tem este olho!

— Nego, responder-lhes-hei, tem-os ambos tão perfeitos que são capazes de metterem inveja a qualquer Camões.

O Antenor, pois, como qualquer dos senhores póde fazer idéa é... o proprio Antenor.

Desde criança teve uma predilecção especial, pelas musicas marciaes, tanto que em apanhando-se fóra da jurisdicção materna, lá andava o Antenor percorrendo as ruas da cidade com passo de soldado em marche-marche com a mão em fôrma de corneta á arremedar qualquer marcha ouvida de uma das bandas dos batalhões.

Era um demoninho em ponto pequeno.... com esperanças de crescer.

A mãe a principio arrenegava-se toda e dizia:

— Este menino ha de dar-me que fazer no futuro. Sahio hontem das baetas e já pinta o sete como o Sr. seu pae, que Deus haja, quando andava me cá á arrastar a asa. Por signal que...

Nisto ouviu os passos do Antenor que se dispunha á sahir para a rua com o maldicto assobio a tremilicar-lhe nos labios.

— *Antanor*, gritava lhe ella então com a pronuncia carregada dos filhos do archipelago: passa para aqui menino.

— Nunca has de subir de moleque.

— Ora, mamãe, que inferno! Sempre a torcer a vocação da gente. Tanto a senhora ha de gritar que um dia deixo o assobio e vou *aprender* a tocar sino.

Desde esse dia nunca mais na visinhança se ouviu fallar do Antenor.

Instigados os vizinhos na sua curiosidade, quando o bispavam, perguntavam-lhe:

— O' Antenor, onde diabo te mettes que nem te lembras mais do assobio e das espadas de páo?

— Ora! respondia elle, um dia saberão... agora estou me fazendo homem.

E nem á propria mãe explicava o sentido destas reticencias.

Um dia, havia festas na Sé. Dentro dessa igreja, onde tambem tem seu altar um santo um pouco mais escuro do que qualquer um de nós outros, o povo borborschava acotovellando-se á entrada pressuroso de molhar a ponta dos dedos na pia d'agua benta.

Nos sinos badalavam com furia febril uns punhos incansaveis.

E era tal o ardor do sineiro que nem respeitava o côro dos padres que mascavam o seu latinorio, esguellando-se a mais não poderem, para serem ouvidas pelos fieis.

Estes, maldiziam todos os sinos e o sineiro em particular por prival-os das cantillenas sacerdotaes, com as suas badaladas agudas e prolongadas.

— O demo te chupe, maldictinho do inferno, bravejou uma velha beata, antes batesse com a cabeça.

— O' bruxa velha, gritou-lhe outra... não menos bruxa, deixa o pobre do rapaz na sua vocação.

— O meu *Antanor* é uma alminha *impersonificada*. Sabe tão bem *repinicar* por musica que hade ganhar a porta da immortalidade...

— *A' cavallo n'um burro!* respondeu-lhe um eôro de beatas!

E o Antenor... badalava mais.

ZE' DA LUZ.